

IV Bienal

Sarau para Craveirinha: o “sáurio”

DIVERSAS pessoas estiveram presentes, quinta-feira passada, no Instituto Camões de Maputo para assistir à abertura oficial da “oficina” de poesia, inserida na IV Bienal do DBLP, que homenageia o poeta José Craveirinha.

A “oficina” congregava um vasto leque de actividades, nomeadamente o lema da bienal, uma palestra que foi proferida por Rui Baltazar com o tema: **A Poesia é uma Arma Carregada de Futuro**, também lema desta Bienal, e um recital de poesia.

Na sua alocução, Rui Baltazar disse que a poesia como arma esteve sempre atenta aos domínios da produção literária. E é esta arma usada pelos poetas para disparar sobre alvos precisos e bem seleccionados.

Segundo Baltazar, os poetas são visionários e estão à frente de nós, pelo que conseguem fazer antecipação das coisas. E os poemas de Craveirinha por serem “essa arma carregada de

futuro não podiam ficar nas gavetas do poeta. Deviam ser conhecidos”, afirmou Baltazar.

Para ele, a obra poética de Craveirinha só ficará completa se ela ficar nas bibliotecas, salas de cultura, associações e outros locais de tertúlias, devendo-se assim divulgar a sua obra.

Sobre os trabalhos do maior poeta de todos os moçambicanos, Rui Baltazar disse que o livro “Cela 1” dá-nos a conhecer as memórias do poeta vividas na cárcere. “Os medos, os companheiros, o sofrimento, até os berros dos carcereiros”, afirmou o palestrante, acrescentando que através da poesia o poeta libertou-se da solidão da cela e inventou formas de esquecer as mágoas.

O livro “Maria”, de acordo com Baltazar, é um pujante canto à memória da sua ex-mulher Maria. “O poeta vestiu-se de luto por dentro”, frisou Baltazar, para quem “Maria” é um belíssimo poema de amor.



Acrescentou que “Babalaze das Hienas”, um livro que versa sobre as vicissitudes e crueldades da guerra civil no país, é a mais dramática obra de José Craveirinha. “Esta obra fica como testemunha do que não deve voltar a acontecer mais”.

Rui Baltazar identificou a “Obra Poética” de Craveirinha, produzida pela Universidade Eduardo Mondlane, como sendo uma obra com grande riqueza poética e as suas mensagens carregadas de futuro.

RECITAL DE POESIA

Os membros da AMOLP apresentaram no mesmo local um recital de poesia, acompanhado da música tradicional do jovem Simonal, um jovem que se tem destacado em lugares de animação cultural. Trata-se de Calane da Silva e Fátima Ribeiro, presidente e vice-presidente, respectivamente, Jaime Santos, Chagas Levene,

Valeriano, e as meninas Laurinda e Melary.

Foram momentos extasiantes apresentados por aquela moldura cultural, onde as vozes dos declamadores eram carregadas de imensa verve e garbo.

Fátima Ribeiro explicou ao “Notícias” que é tradição da AMOLP divulgar a poesia que se faz em Moçambique e não só, através de jovens, para os amantes da literatura. Porém, essa tradição não se limita apenas às actividades literárias, “associamo-nos as outras artes, tais como a música, representação teatral”, disse Ribeiro.

Esta figura enfatizou que as recitações de poesia servem também para lançar artistas de outras áreas, tais como músicos, dando exemplo de Gabriela, que se lançou no mundo musical cantando nos saraus de poesia por eles organizados, assim como pretendem despertar nos jovens o interesse pela literatura.